

Campus Nilópolis

Programa de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e
Educação - LACE

MONA OLIVEIRA LUIZON

NARRATIVAS VISUAIS DO
UNIVERSO CAIPIRA

Nilópolis, RJ

2023

MONA OLIVEIRA LUIZON
Prof. Alexandre de Oliveira Pimentel

NARRATIVAS VISUAIS DO UNIVERSO CAIPIRA

Memorial Descritivo apresentado
ao Instituto Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial
para a obtenção do grau de
Pós-Graduação - Lato Sensu em
Linguagens Artísticas, Cultura e
Educação.

Nilópolis/RJ
Junho/2023

CIP - Catalogação na Publicação

L952n Luizon, Mona Oliveira
Narrativas Visuais do Universo Caipira / Mona Oliveira Luizon -
Nilópolis, 2023.
46 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Alexandre de Oliveira Pimentel.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização), Especialização
em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus
Nilópolis, 2023.

1. Cultura Caipira. 2. Fotografia. I. de Oliveira Pimentel,
Alexandre , **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
- Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecário: Elon F. Lima CRB-7/5783

MONA OLIVEIRA LUIZON

NARRATIVAS VISUAIS DO UNIVERSO CAIPIRA

Memorial Descritivo apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Aprovado em 12/06/2023.

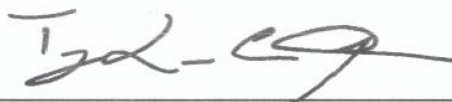
BANCA EXAMINADORA



Prof.º Alexandre de Oliveira Pimentel – (Orientador)
Instituto Federal do Rio Janeiro - (IFRJ)



Prof.ª Carla Beatriz Benassi – (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio Janeiro - (IFRJ)



Prof.º Tiago José Lemos Monteiro – (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio Janeiro - (IFRJ)

Dedico esse projeto à minha avó Jesuina, falecida esse ano, que me mostrou a potência de uma mulher caipira no seu território. Dedico a minha mãe Maisa, ao meu pai Massilon de Arimatéia e ao meu irmão Massilon que sempre me apoiaram em todas as decisões. Dedico também, ao meu companheiro Marcus Vinicius, que ao meu lado, topou investigar a herança cultural de nossas famílias.

Resumo: O produto cultural consiste no desenvolvimento de uma exposição fotográfica virtual, individual e de minha autoria, que tem como temática a cultura rural e, em particular, o universo das culturas tradicionais do homem do campo, representado no projeto pelo caipira, que habita as regiões da "Paulistânia". Utilizando a fotografia como suporte, essa exposição tem como objetivo narrar visualmente a cultura dos interiores do Brasil, com foco específico no noroeste do Estado de São Paulo. O produto é o trabalho de conclusão do curso de Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, no campus Nilópolis.

Palavras-chave: cultura caipira, fotografia.

Abstract: The present project consists of the development of a virtual photographic exhibition, individual and of my own authorship, which will have rural culture as its theme and, in particular, the universe of traditional cultures of the country man, represented in the project by the caipira, who inhabits the regions of "Paulistânia". Using photography as a support, this exhibition aims to visually narrate the culture of the interior of Brazil, with a specific focus on the northwest of the State of São Paulo. The product is the conclusion work of the Specialization course in Artistic Languages, Culture and Education, by the Federal Institute of Rio de Janeiro, on the Nilópolis campus.

Keywords: country culture, photography.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL E PRODUTO	06
2.	ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS	07
3.	APRESENTAÇÃO	28
4.	OBJETIVOS	32
4.1	Geral	32
4.2	Específico	33
5.	JUSTIFICATIVA	34
6.	ACESSIBILIDADE CULTURAL	36
7.	DEMOCRATIZAÇÃO DE ACESSO	36
8.	IMPACTO AMBIENTAL	36
9.	CONCEPÇÃO METODOLÓGICA	37
10.	FICHA TÉCNICA	42
11.	CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	42
12.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
13.	REFERÊNCIAS	44
14.	ANEXOS	45

1. APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL E PRODUTO

TÍTULO: Narrativas Visuais do Universo Caipira

ÁREA: Artes Visuais

SEGMENTO: Exposição Fotográfica

PRODUTO: Exposição Fotográfica Virtual sobre o universo caipira. Ao todo, foram produzidas 19 (dezenove) imagens e disponibilizadas em formato digital com acesso gratuito pelo site do projeto, espaço expositivo das obras - <https://monalu.wixsite.com/narrativasvisuais>.

PÚBLICO A QUEM SE DESTINA: Por tratar de uma exposição fotográfica com uma temática bem definida, podemos elencar alguns perfis de público alvo: a) Residentes na espacialidade territorial do interior de São Paulo; b) pesquisadores e interessados na temática em questão; e, c) o público com interesse voltado especialmente para artes visuais, mas especificamente ao público interessado e consumidor da arte fotográfica. A exposição, com acesso gratuito em formato virtual, pretende atingir um público espontâneo, de diversas idades, que acessam a internet e se interessam pelas temáticas e suportes da exposição. Essa ação, pretende ser um importante fator na promoção e acesso das obras produzidas. Ainda como forma de descentralizar e ampliar a formação de público do projeto, teremos legendas com texto alternativo de descrição de imagens para apreciação das pessoas com deficiência visual conforme Lei 13.146/15.

ESTIMATIVA DE PÚBLICO: Sobre a estimativa de público, fiz um levantamento de dados sobre espacialidade territorial do interior de São Paulo e posso dizer: trata-se de um dos maiores conglomerados habitacionais do país, ficando atrás apenas de grandes metrópoles como

São Paulo e Rio de Janeiro. Hoje, habitam essa territorialidade, segundo o Censo do IBGE de 2010, cerca de 20 milhões de habitantes. Além de ser uma região extremamente populosa, trata-se de um povo muito ligado às suas origens e sua respectiva cultura. Não diferente, a Região Metropolitana de São José do Rio Preto, criada pela Lei Complementar nº 1.359, de 24 de agosto de 2021 e, nosso foco territorial de pesquisa e produção, é composta por 37 municípios e abrange uma população estimada de 1 milhão de habitantes. Em 2020, somente na cidade de São José do Rio Preto, o número estimado de habitantes era de 464.983. Com as ações de divulgação, a exposição quer atingir, ao menos, um público estimado de 5.000 visitas.

2. ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

O site do projeto foi criado e pensado como espaço expositivo. Utilizei a plataforma WIX, plataforma gratuita para criação de sites, com o login que eu já obtinha anteriormente. Dentro do site estão expostas as obras em ordem narrativa, com suas especificações técnicas e com seus respectivos textos alternativos. Abaixo as especificidades de cada obra, com seu título, a técnica utilizada, o suporte, o tamanho e a cor.

OBRA 01

Título - Brasil Origem

Técnica: Antotipia, pigmento de urucum sob papel.

Suporte : Papel aquarela 300gr/m²

Tamanho 7,0 x 9,0 cm

Monocromático

OBRA 02

Título - A Sombra do meu passado

Técnica: Autoretrato Mobile

Suporte : Arquivo Digital

Tamanho 21,0 x 29,7 cm

COR

OBRA 03

Título - O fim do ciclo da cana-de-açúcar

Técnica: Fotografia Mobile

Suporte : Digital

Tamanho: 21,0 x 29,7 cm

COR

OBRA 04

Título - Paisagem Rural, Cenário Ideal

Técnica: Fotografia Digital Camera Action

Suporte : Digital

Tamanho: 4000 x 3000 px

COR

OBRA 05

Título - Barões do Café

Técnica: Fotografia e lumen print, finalização em colagem digital

Suporte : Arquivo Digital e Papel Fotográfico

Tamanho: 29,7 x 21,0 cm

COR

OBRA 06

Título - Solstício de inverno

Técnica: Solarigrafia, 60 horas de exposição solar

Suporte : Papel Fotográfico

Tamanho: 7,0 x 9,0 cm

P&B

OBRA 07

Título - Branca, a Vaca.

Técnica: Fotografia Analógica

Suporte : Acetato, finalização e inversão de cores digital

Tamanho: 135mm

COR

OBRA 08

Título - Cidade forjada da terra

Técnica: Goma pigmentada com terra

Suporte : Papel aquarela 300gr/m²

Tamanho: 21,0 x 29,7cm

Monocromático

OBRA 09

Título - Se nasci aqui, já não me lembro

Técnica: Fotografia Digital

Suporte: Arquivo Digital

Tamanho: 4000 x 3000px

COR

OBRA 10

Título - De volta pro sítio

Técnica: Fotografia Digital

Suporte: Arquivo Digital

Tamanho: 4000 x 3000px

COR

OBRA 11

Título - Cadê meus boi?

Técnica: Pinhole

Suporte : Papel Fotográfico e Revelação analógica

Tamanho: 7,0 x 9,0 cm

P&B

OBRA 12

Título - A fé estabelecida

Técnica: Fotografia Digital

Suporte : Arquivo Digital

Tamanho: 21,0 x 29,7 cm

COR

OBRA 13

Título - A fé que se mantém

Técnica: Acervo de Família colorida digitalmente

Suporte : Papel fotográfico digitalizado, arquivo digital.

Tamanho: 4000 x 3000px

COR

OBRA 14

Título - A fé que é perpétua

Técnica: Fotografia Digital Câmera Action

Suporte : Arquivo Digital

Tamanho: 4000 x 3000 px

COR

OBRA 15

Título - Ainda restava estradas de chão

Técnica: Fotografia Digital

Suporte : Arquivo Digital

Tamanho: 21,0 x 27,9 cm

COR

OBRA 16

Título - Indo do sítio a para a cidade e da cidade para o sítio

Técnica: Fotografia Digital

Suporte : Arquivo Digital

Tamanho: 21,0 x 27,9 cm

COR

OBRA 17

Título - Por onde olho, só vejo cana-de-açúcar

Técnica: Fotografia Mobile

Suporte : Arquivo Digital

Tamanho: 21,0 x 27,9 cm

COR

OBRA 18

Título - Ainda estou aqui

Técnica: Fotografia Mobile

Suporte : Arquivo Digital

Tamanho: 21,0 x 27,9 cm

COR

OBRA 19

Título - Descanso sob o céu estrelado

Técnica: Fotografia Digital em Longa Exposição

Suporte : Digital

Tamanho: 4000x3000px

COR

Começo agora, o relato de produção das obras que compõe a exposição virtual Narrativas Visuais do Universo Caipira. A imagem escolhida para abrir a exposição é um retrato simbólico acerca da colonização do Brasil. A obra 01 foi gravada no papel utilizando a técnica

de antotipia. A antotipia é um processo fotográfico que envolve a utilização de pigmentos vegetais como material fotossensível e que permitem a produção de imagens fotográficas.

Utilizei como pigmento o urucum, um excelente corante natural, já utilizado como tinta há milhares de anos pelos povos originários. No processo utilizei sementes de urucum, deixando de molho de um dia para o outro para extrair a tinta. Após esse processo, macerei e dilui o pigmento em água. O próximo passo foi emulsionar o papel utilizando um pincel e preparar para a exposição solar. Criei o sanduíche com a matriz em transparência e chapas de vidro para a exposição e coloquei no sol por três dias.

Anterior a esse resultado, testei com uma mesa de luz que construí, mas não obtive sucesso. Foi necessária a ação da luz solar e do tempo nessa produção. Tentei outras diluições que também não trouxeram o resultado esperado.

Figura 1 - Registro de obra realizado com a técnica antotipia, três dias de exposição ao sol



FONTE: A autora (2023)

A ideia de usar urucum nessa primeira imagem é trazer a referência dos povos indígenas que aqui viviam antes da colonização. Na imagem,

mãos que seguram um terço, representando a chegada do homem branco e a imposição da cultura ocidental e cristã no território brasileiro. O reino português tinha estreitas relações com a Igreja Católica Apostólica Romana, e após a conquista das terras no Brasil, a religião oficial aqui era o catolicismo, em virtude da influência católica nos países ibéricos. Os padres, chamados jesuítas, vieram da Europa para catequizar os povos indígenas e foram representados na imagem pela cruz. Nela, apresento a nossa ancestralidade indígena que pertencia a esse território, retratando a ocupação por parte das comunidades jesuítas. A cor vermelha também se remete à exploração de pau-brasil que se iniciou por volta de 1532 e foi o primeiro ciclo econômico do Brasil. A exploração de madeira no ciclo do Pau-Brasil foi realizada durante a primeira década, se mantendo até o século seguinte, quando, enfim, perdeu a importância no mercado. Esse declínio ocorreu por causa do alto custo do transporte e também porque outra matéria prima começava a ser comercializada, a cana-de-açúcar.

Em pouco tempo, e com a escassez da madeira, a extração foi substituída pela plantação de cana-de-açúcar e se iniciava então, um novo ciclo econômico entre a metade do século XVI e a metade do século XVIII. O açúcar foi considerado a primeira grande riqueza agrícola e industrial e por muito tempo foi a base da economia colonial, era o principal produto de exportação do Brasil. Os engenhos de açúcar eram grandes propriedades agrícolas que cultivavam cana de açúcar e a grande parte da mão de obra dos canaviais era predominantemente escravagista. Em um primeiro momento, os indígenas foram utilizados como força de trabalho, sendo substituídos pelos negros africanos e posteriormente pelos imigrantes.

A freguesia de Campinas, nascida em terras doadas por Barreto Leme, pertencia ao termo de Jundiaí. Elevada à categoria de vila de São Carlos em 16 de novembro de 1797, vivia desde o final do século XVIII da atividade açucareira [...]. Anos antes, Saint-Hilaire referia-se a essa região como a que mais açúcar produzia em toda a província. (KOSSOY, 2020, p. 71)

Na obra 02, percebemos na imagem alguns resquícios de colheita de cana, o chão batido de terra que permanece intacto por anos e anos, e

uma sombra de um sujeito não identificável que o sol quente contorna. Na sombra do trabalhador é possível perceber seu uniforme, chapéu que cobre os ombros, colete e, perneira e botas que são reveladas na imagem. Esse trabalhador vem do futuro e olha para sua sombra, no hoje, trabalhando na usina de cana-de-açúcar, esse sujeito percebe e reflete sobre os seus próprios antepassados. As marcas da cana e da escravidão ficaram na terra e na identidade do povo. Retrato um sujeito sem identidade, pois ele, hoje, dentro da usina, é um sujeito padrão. É tratado como um número, poucos sabem seu nome, sua convivência cabe apenas em espaços onde as pessoas circulam com os mesmos uniformes, parece uma prisão. O pensamento desse sujeito é: Acho que isso já aconteceu outra vez. Ele tenta se enxergar através da sua imagem contornada pelo sol, mas nada vê. A modernização da agricultura transformou o escravo em bóia-fria, para logo em seguida o tirar de condições precárias de trabalho, assinando seu registro e disponibilizando equipamentos de proteção individual. Colocou esse sujeito de volta no canavial, agora munido de grandes tratores industriais, onde passa a maior parte do tempo sozinho, de fone e no ar condicionado. Passa o dia todo ao som do maquinário, um ruído ensurdecador em seus ouvidos, e pilota agora a máquina que faz, o que antes, suas mãos faziam. O Brasil hoje, é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar no mundo, e na história do Brasil colônia, o ciclo da cana-de-açúcar tem seu declínio devido a baixa exportação da matéria prima, já que outras nações europeias se dedicaram à produção da especiaria. Diante desse cenário naquela época, e com a concorrência em alta escala, o ciclo da cana-de-açúcar findou-se no país dando lugar para mais um ciclo econômico iniciar, a exploração do ouro nas regiões de Minas Gerais. Na obra 03, o fim do ciclo da cana-de-açúcar, faz uma alusão ao término desse período econômico na história (que diga-se de passagem, nunca acabou) e também ao ciclo produtivo de plantação de cana. Dentro do processo produtivo da cana, é bastante comum a prática de "queimadas controladas" com a finalidade de facilitar a sua colheita manual. As queimadas são práticas proibidas pois,

além de causar prejuízos ambientais e para a saúde pública, as queimadas são classificadas como crime ambiental passível de multa quando provocadas intencionalmente. No meio ambiente, dentre os impactos, as queimadas causam degradação do solo e poluição do ar. Essa foto foi registrada no dia 08 de março de 2023, e o fogo, que começou tímido, se espalhou em pouquíssimo tempo, atingindo uma mata que tinha no final da plantação. Na imagem é possível ver a metade da plantação já queimada e o fogo se alastrando. A fumaça nos diz onde o fogo começou, mas não conseguimos ver o seu final.

Continuando a história, o desbravamento na região que hoje compreende o estado de Minas Gerais se iniciou no século XVI, por meio da entrada dos bandeirantes, em busca de ouro e pedras preciosas. No século XVII, Fernão Dias Paes Leme (1608 – 1681) parte do estado de São Paulo com seus adeptos, em busca de ouro e somente no final do século XVII a ocorrência de ouro foi revelado no estado de Minas Gerais. Já os diamantes, só vieram a ser “descobertos” na segunda década do século XVIII. Utilizo aspas nesse sentido, pois acredita-se que os colonos já sabiam das valiosas riquezas do Brasil, sendo utilizada de forma estratégica sua exploração. Durante décadas, Portugal explorou e canalizou os recursos provenientes do ciclo do ouro. Com objetivo de realizar a fiscalização das áreas de mineração, a capital do Brasil Colônia foi transferida de Salvador – BA para o Rio de Janeiro – RJ em 1763. Nesse período, o processo de ocupação das terras ricas em minério e a chegada dos europeus, imigrantes que vieram para o país, impulsionam atividades como a agricultura e a pecuária no país. O ouro foi ficando cada vez mais escasso, as taxas cada vez mais abusivas, o que levava a população que já se formava em vilas e bairros rurais a encontrarem maneiras de fugir dos impostos. A saída para muitos, já que estavam precarizados e não conseguiam pagar os impostos, era adentrar as matas inexploradas em busca de novos locais para viver. O ciclo do ouro durou até o fim do século XVIII, quando se esgotaram as minas, em pleno desenrolar da Revolução Industrial na Inglaterra. Dá-se início às

ocupações nos interiores paulistas com interesse nas vastas áreas verdes com potencial de plantio.

A paisagem do interior paulista era comercialmente ideal e tem seu registro na obra 04, A paisagem rural inata, mostra sua beleza através de um arco-íris duplo. A ideia de um pote de ouro no final do arco-íris simboliza a busca de algo valioso e precioso, muitas vezes relacionado à sorte, fortuna ou realização de desejos. Porém, encontrar o fim do arco-íris e seu tesouro é algo impossível, já que o arco-íris é um fenômeno óptico causado pela refração da luz solar em gotas de chuva suspensas no ar. Dessa forma, o arco-íris é uma ilusão visual que muda de posição conforme a perspectiva do observador, tornando impossível alcançar seu suposto fim. O ouro foi extraído em sua totalidade e levaram nossas riquezas minerais. Existia sim um tesouro valioso no final desse arco-íris, porém, foi levado pelos colonizadores. Com a escassez do ouro, falta ao Brasil um produto para preencher a lacuna deixada pelos metais preciosos. Esse vácuo gerou uma crise econômica que durou até o início do ciclo do café, em meados do século XIX.

A obra 05 retrata um momento importante de modernização do interior, o trem de ferro. Este novo transporte foi responsável pelo enriquecimento dos "barões do café" e pelo início da urbanização da capital, interior e Baixada Santista, por onde escoava a mercadoria. O Ciclo do Café perdurou por mais de 100 anos, entre os anos de 1800 e 1930, a cafeicultura se manteve como a principal atividade econômica do Brasil. Esse período recebeu esse título porque, o café se tornou naquela época, um produto fundamental de exportação brasileira.

Nessa obra, duas tecnologias se misturam na produção. A imagem digital e a imagem artesanal feita ao sol. A mão segura o lumen print com folhas de café frente ao quadro "Chegada do primeiro trem". O quadro a óleo é do artista José Antônio da Silva, natural de Sales de Oliveira - SP, interior de São Paulo, pintado no ano de 1967 foi a homenagem do pintor à chegada do primeiro trem na cidade de São José do Rio Preto - SP. O

Museu de Arte Primitivista José Antonio da Silva, fica localizado no centro de Rio Preto, local onde realizei a foto.

Figura 2 - Registro da técnica Lumen Print



Fonte: A autora (2023)

A técnica fotográfica utilizada nessa obra foi a Lumen Print, que utiliza papéis com sais de prata que reagem à luz, escurecendo. É uma impressão de contato, e a matriz utilizada foi a folha de um cafeeiro.

Figura 3 - Chegada do Primeiro Trem, 1967



Fonte: Acervo Museu de Arte Primitivista "José Antonio da Silva"

Figura 4 - Fazenda de Café, de Guilherme Gaensly, 1902



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional

Na Obra 06, utilizei como referência a foto de Guilherme Gaensly (1843-1928) com o título "Fazenda de Café", registrada por volta de 1902 e reproduzida pela técnica de colotipia, uma forma de reprodução fotomecânica que se fez presente no Brasil, na virada do século XIX para o XX. A foto faz parte do acervo da Biblioteca Nacional (Brasil). É uma imagem registrada provavelmente por uma câmera de médio formato, já que esse tipo de câmera permitia o uso de chassis de vidro emulsionados com gelatina. Essa é uma das imagens mais antigas que temos de registro do interior de São Paulo de acordo com a minha pesquisa. A região retratada na imagem é Araraquara - SP, e imagino que sua reprodução demorou alguns dias, semanas ou até meses para ser realizada pois a região nesse época não detinha de oficinas de impressão. A 'colotipia' ou 'fototipia' é um processo de impressão fotomecânica planográfica – na

verdade, uma variante da fotolitografia – da propriedade que a gelatina bicromatada tem, quando úmida, de absorver mais ou menos tinta de impressão, segundo os graus diversos de endurecimento que adquire, proporcionalmente à quantidade de luz recebida através de um negativo fotográfico. Foi experimentada na pedra, no cobre e consolidou-se quando a matriz de impressão passou a ser produzida sobre uma espessa chapa de vidro. O Brasil no início do século XIX, estava baseado no comércio secular de produção de açúcar. Após a abertura de seus portos, decretada em 1808 por D. João VI, transferiu sua corte as presas para o Brasil, que já nessa altura se encontrava em declínio, sendo ocupada pela expansão cafeeira não possuía produtos manufaturados, detendo a província de São Paulo apenas de uma oficina impressora. Um jovem francês, Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879), viajante que participou da expedição científica de Langsdorff e que decidiu fazer do Brasil seu novo lar, radicado na Vila de São Carlos, atualmente a região de Campinas, no interior de São Paulo, que por volta de 1830, busca fixar as imagens numa superfície, uma vez que a região ainda não obtinha de qualquer oficina de tipografia por perto.

Florence foi um autodidata e polímata, envolvendo-se em diversas áreas do conhecimento, como desenho, pintura, química, música e linguística. Em sua jornada rumo à invenção da fotografia, Florence enfrentou várias dificuldades por estar no interior do Brasil, distante dos centros científicos e tecnológicos da época. Ele buscava uma maneira mais prática de fazer isso e oferecer como serviço de cópias na vila de São Carlos, já que ali não existia qualquer oficina de tipografia na época. Florence via a fotografia como sequência natural a suas pesquisas na poligrafia, uma forma de reproduzir documentos e desenhos de forma fiel. Uma das principais dificuldades era a falta de acesso a materiais e informações atualizadas. No entanto, Florence era um observador atento e curioso, sempre em busca de soluções para os desafios que enfrentava. Ele realizou uma série de experimentos e descobertas independentes, que o levaram a desenvolver um processo fotográfico próprio, antes mesmo do

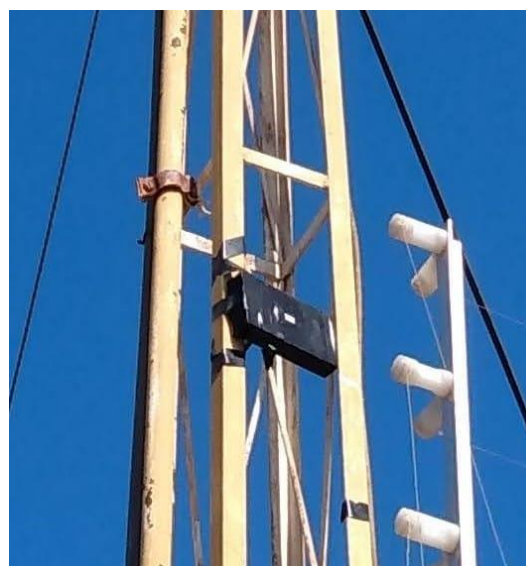
anúncio oficial da daguerreotipia por Louis Daguerre na França, em 1839. Ele desenvolveu um método que ele chamou de "Photographie", baseado na utilização de substâncias químicas sensíveis à luz para produzir imagens. Ele conseguiu registrar imagens utilizando esse processo em 1833, sendo considerado um dos precursores da fotografia, ao lado de outros nomes famosos como Nicéphore Niépce e William Henry Fox Talbot. No entanto, devido à sua localização geográfica remota e à falta de recursos para patentear e divulgar suas descobertas, Florence não obteve o reconhecimento imediato que merecia.

No Brasil, foi ao final do século XIX, quando aperfeiçoou-se a 'reprodução fotomecânica', que foram viabilizados os primeiros processos de impressão gráfica que possibilitaram a reprodução em massa, com fidelidade e qualidade. O processo fotomecânico de impressão introduzido em 1870 é utilizado até hoje em pequena escala. Uma base de metal ou vidro recoberta com gelatina bicromatada é exposta à luz, em contato com um negativo, e produz uma matriz para impressão de imagens com pigmento. O endurecimento e a reticulação da gelatina, em função da exposição à luz, permitem a absorção diferencial de tinta pela matriz correspondente à gradação tonal da imagem fotográfica no negativo e posterior impressão de cópias.

Inspirada na fig. 04, tanto a imagem visual quanto a sua feitura, produzi uma fotografia solar utilizando a técnica de longa exposição solarigrafia. A imagem resultado da técnica é uma imagem aparente não precisando de processamento químico para seu aparecimento. Os sais de prata escurecem à luz, criando o contorno da imagem diretamente no papel. A Solarigrafia é um conceito e uma prática fotográfica baseada na observação da trajetória do Sol no céu (diferente em cada lugar da Terra) e no seu efeito na paisagem. Técnica de longa exposição utilizando câmeras pinhole e papel fotográfico para capturar grau a grau da trilha solar. Essa imagem teve a exposição de 60 horas, e foi realizada no Solstício de inverno na cidade de São José do Rio Preto - SP. Esse fenômeno ocorre duas vezes ao ano e marcam o início das estações, os

raios solares incidem diretamente sobre a Linha do Equador, fazendo com que os dois hemisférios do planeta recebam a mesma quantidade de luz. Essa imagem foi registrada no ano de 2020, momento em que estávamos em lockdown por conta da pandemia covid-19. Essa obra fala sobre o tempo. E sobre o território também. Essa técnica fotográfica tem resultados diferentes em cada lugar do mundo. As estações do ano são muito importantes na cultura caipira, pois ditam as etapas de plantação e colheita do plantio.

Figura 5 - Registro e detalhe da câmera pinhole utilizada na técnica solarigrafia



Fonte: A autora (2020)

Por volta de 1852, vilazinhas e lugarejos localizados na porção interiorana do país eram tomados por uma avalanche de transformações, com a expansão da lavoura agroexportadora de café, o caipira foi transformando substancialmente a posse da terra e as formas de trabalho. A obra 07 traz a vaca, Branca. O caipira tem com a sua vaca uma relação de cumplicidade. Acompanha seu nascimento, a reconhece pelo nome, acompanha sua cruz e sua cria. Todos os dias a encontra, conversa, toca, tira o leite, põe pra pastar, aparta o bezerro, troca de pasto, alimenta, dá sal e água. No momento de aperto ou dificuldade financeira é dela que

vem o sustento através do leite e do queijo que ele produz. No trânsito da roça para cidade a vaca é então vendida, quando não, vira alimento através do seu abate e consumo da carne.

O caipira desapossado, cede ao nomadismo e a aventura, em busca de novos sertões, ou marginaliza-se nos centros urbanos, assumindo o trabalho de funções como servente de pedreiro, carroceiro, entre outros. Refletimos na obra 08 sobre a saída do homem do campo para a cidade. A técnica utilizada na produção foi a Goma Bicromatada, técnica artesanal de revelação da imagem por contato. No processo foi utilizado um pigmento e uma matriz fotográfica, criando assim uma imagem monocromática. A matriz fotográfica (negativos em transparência) é de uma fotografia digital, com as cores invertidas, impressa em transparência. O papel utilizado foi para aquarela com gramatura que resiste a lavagem em água, um pincel para emulsão fotossensível no papel, chapas de vidro e garras para prensar o papel emulsionado com a transparência para exposição à luz UV (solar). Como pigmento utilizei a terra.

Figura 6a - Matriz Fotográfica utilizada para produção da obra 08



Fonte: A autora (2023)

Figura 6b - Registro da produção de pigmento natural com terra



Fonte: A autora (2023)

Para o processo, fiz a recolha da terra, passei pela peneira e misturei com goma arábica. Outro químico precisa estar presente para o material se tornar fotossensível, que é o dicromato de potássio. Emulsionei o papel e deixei em exposição por 30 minutos. Após a exposição, realizei o processo de lavagem, secagem e digitalização, gerando a obra final. Trago a cidade, novo território do sujeito caipira que agora forja nela o seu trabalho.

Na obra 09, o caipira, que agora mora na cidade, visita a antiga casa onde nasceu. Percebe que agora, o vasto campo que existia antigamente, onde dava a margem para as plantações de café se transformaram em plantio de cana-de-açúcar. Não reconhece mais o sítio, está a tempo demais na cidade. Mal se lembra das histórias da infância.

Na obra 10, o caipira que permanece ao trabalho assalariado das fazendas agroexportadoras continua vivendo em “seu” pedaço de terra adorado. Não iria se adaptar a cidade. Sentiria saudade do silêncio, dos pássaros e do céu. Agora está cercado de cana. Quase não tem mais pra onde olhar. Mas está ali, e ali quer permanecer.

Na obra 11, *Cadê meus boi?* Nessa imagem, utilizei uma câmera Pinhole, construída com lata que seria descartada. Câmeras pinhole, são dispositivos fotográficos artesanalmente construídos, sem lente, que, com a utilização de papel fotográfico sensível à luz, faz a captura da imagem através de um pequeno orifício. A criação e produção da câmera foi realizada por mim, assim como, a revelação do fotograma sob papel fotográfico, em laboratório escuro. Gostaria de trazer aqui, um pouco de informação sobre os primórdios da Fotografia. Por volta de 350 a.C., na era de Aristóteles, na Grécia antiga, a projeção da imagem através da luz que adentrava um minúsculo orifício já era conhecida. No século X, al-Hasan (965-1040), conhecido como Alhazen, é o primeiro que se tem relato de utilizar em suas pesquisas uma câmera obscura. Descreveu um método para observar eclipses solares observando que uma fresta de luz projetava uma imagem. Nos muitos anos que seguiram, as técnicas foram se aperfeiçoando e o principal obstáculo para o desenvolvimento da fotografia era a não comprovação de informações sobre as transformações químicas causadas pela luz, pois essas, eram atribuídas ao ar e ao calor. Até que, em 1727, o alemão Johann Heinrich Schulze (1687-1744) a quem se deve a descoberta da sensibilidade dos sais de prata à luz, fenômeno explicado pela fotossensibilidade dos materiais. Entre os anos de 1727 a 1800, foram obtidas imagens a partir de papéis embebidos em soluções de sais de prata. A maioria das experiências envolvia a obtenção de uma cópia em contato direto, um objeto colocado sobre o papel sensibilizado, resultando em uma imagem ou silhueta. O problema era que, após a impressão da imagem no papel com sais de prata, a imagem não permanecia estável, pois a prata continuava reagindo à luz e escurecendo. Ao mesmo tempo, em vários lugares diferentes do mundo, os cientistas, químicos e interessados nas experiências de registro de imagem, conhecidos como os pioneiros da fotografia, realizaram testes sistêmicos e relatos de suas experiências. Na obra, percebemos um pasto, a primeiro olhar vazio, porém é possível perceber dois pequenos vultos nas extremidades da imagem. Pelo tempo longe de exposição utilizada

nessa técnica, em torno de 2 minutos, passou por ali pastando duas vacas, porém a câmera não conseguiu o registro destas, ficando no imaginário de quem observa essa paisagem.

As obras 12, 13 e 14 formam uma sequência narrativa. A primeira imagem traz o retrato de uma capela, isolada no meio do mato. Reflito aqui, na força que a religião e a igreja, principalmente a católica, sempre exerceu no território. Refletindo hoje, e percebendo o aumento da comunidade evangélica e atrelada a ela o crescimento do neofascismo, o simbolismo que essa construção traz a um território é quase que obrigatório por todo canto. A próxima imagem, obra 13, é um resgate de acervo de família, fotografada por volta de 1948 na região de Palestina - SP. Digitalizei e colori digitalmente trazendo um ar de modernidade para imagem, já que naquela época nesta região existiam poucos registros fotográficos e a sua totalidade era preto e branco. A próxima imagem, obra 14 é a mesma capela, 75 anos depois, onde percebemos a população reunida em uma celebração cristã. Retrato aqui a manutenção e reforço da religião na construção social do caipira. A Trezena de Santo Antônio é uma tradição religiosa muito popular em várias regiões do Brasil e em outros países de influência católica e tem como finalidade louvar a Santo Antônio e enfatizar os ensinamentos deixados por ele como, por exemplo, a prática da caridade em relação aos pobres. Ela é uma forma de expressar devoção e buscar a intercessão de Santo Antônio em diversas intenções, como a busca de graças, agradecimentos e proteção espiritual. O acontecimento tem início no dia 1º de abril encerrando no dia 13 de junho com a tradicional missa e distribuição de pães. A capela registrada na sequência de imagens é a capela de Santo Antônio, e está localizada na cidade de Jurupeba - SP, zona rural do oeste paulista, no sítio dos meus avós paternos. Minha avó Jesuína, descendente de imigrantes italianos e paulistas, foi herdeira de uma tradição católica que perdurou por mais de 90 anos.

A obra 14 é o registro de uma das últimas missas e celebração na capela em homenagem à Nossa Senhora Aparecida, no ano de 2016. A

crença, a fé e a força dessa gente é surpreendente e inacreditável. Vi minha avó viver até seus 94 anos, rezando todos os dias, sem exceção. Seu velório foi de forma digna, com reza, canto e procissão ali, naquela mesma capela.

Figura 7 - Registro do início da Trezena de Santo Antônio, Jurupeba, 2015.



Fonte: A autora (2015)

A obra 15 registra a paisagem típica do interior paulista, natureza sem relevo. O centro da imagem mostra uma escavadeira, fazendo a terraplanagem na estrada, parte das obras que trarão asfalto às estradas de terra que ainda restam na região de Rio Preto. A ação marca a expansão da cidade, fomentando a construção de casas e condomínios na região. A cidade chega no sítio. A propriedade do pequeno agricultor é valorizada apenas pela extensão do terreno e localização da terra.

Na obra 16 reflito sobre a adaptação do caipira na cidade, que já é próxima do campo. Criando uma dependência social e profissional na cidade, o trajeto de lá pra cá é diário. Uma grande parte de seus compromissos é na cidade, porém ainda mora no campo. O dinheiro que tinha investiu no trator, maquinário que o auxilia, facilitando suas tarefas

no campo ao mesmo tempo que é o seu meio de transporte nesse trajeto para a cidade.

A obra 17 reflete o interior de São Paulo atualmente, áreas extensas com plantio da cana-de-açúcar. Por onde ando, só tem cana, pra onde olha, só vejo cana. Somente no ano de 2011 foram produzidas no estado de São Paulo, aproximadamente, 400 mil toneladas de cana-de-açúcar em uma área de cinco milhões de hectares plantados¹. Empresas multinacionais dominam o território semeando, plantando, adubando (com veneno) e colhendo a cana-de-açúcar com ciclos intercalados e sem pausa de plantio. O pequeno produtor que hoje tenta investir seu tempo na terra, perde sua plantação pois divide seu espaço com arrendamento da terra para a plantação de cana, essa que detém o controle de pragas por meio de agentes tóxicos. Mas ele permanece. Ele ainda está ali. Sozinho e rodeado de cana e veneno na obra 18.

A última imagem, obra 19, traz a paisagem iluminada pelo céu cheio de estrelas, retrata uma noite típica da região caipira. Céu estrelado de uma noite quente na roça. Finalizo a exposição trazendo o final do dia (ou da vida) desse sujeito, e seu descanso merecido, sob o céu estrelado.

3. APRESENTAÇÃO

Esse memorial é sobre um produto cultural, nomeado de *Narrativas Visuais do Universo Caipira* e, apresentado como conclusão de curso no programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, no campus Nilópolis na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

Narrativas Visuais do Universo Caipira consiste em uma exposição fotográfica virtual, individual e de minha autoria, tendo como tema a cultura rural e, em particular, o universo das culturas tradicionais nas

¹https://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/avaliacao_toxicidade_herbicidas_usados_cana.pdf

zonas de influência da Paulistânia e seu sujeito histórico, o caipira. A exposição tem como objetivo narrar visualmente a cultura dos interiores brasileiros, com foco, sobretudo, no noroeste do Estado de São Paulo, mais especificamente na região metropolitana de São José do Rio Preto - SP.

O caipira é o paulista disperso nas bandeiras e monções, sobretudo do mameluco paulista e pobre, sedentarizado após o declínio da atividade econômica das bandeiras e monções, isolado geograficamente e esquecido pela historiografia oficial. Esse sujeito histórico, por meio do conhecimento adquirido no contato com os indígenas, aprendeu a adaptar-se às condições do meio natural, estabelecendo-se territorialmente e, com isso, criando e recriando objetivações culturais das mais diversas, que afirmavam o seu modo de vida nos sertões assimilando também aquelas culturas com a qual estreitava contato. Soube, dentro da tecnologia histórica que lhe era fornecida, criar uma identidade cultural forte e resistente, que abrangia diferentes aspectos da vida social e subjetiva. O caipira é um inventor histórico dentro de um contexto de extrema necessidade das coisas.

Nas vastidões dos sertões da Paulistânia, território que hoje compreende os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e, por extensão, regiões do Rio de Janeiro e Espírito Santo, essa cultura foi se enraizando e ganhando novos contornos, incluindo novas manifestações e traços.

No início do Século XIX, a maior parte das terras neste território, ainda não havia sido devidamente ocupada pelo homem branco. Uma década antes da promulgação da Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, conhecida como a Lei de Terras, que estabeleceu o caráter da propriedade rural brasileira, inicia-se uma grande onda migratória, sobretudo de entrantes provindos de zonas da Província de Minas Gerais, para as terras chamadas de "ociosas" nas porções à Oeste da Província de São Paulo.

É nesse contexto que ocupa-se o território onde hoje situa-se a cidade de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo.

Durante pelo menos meio século, a vila, depois freguesia, abrigou apenas “meia dúzia de palhoças”, como anotaria o Visconde de Taunay em seu livro *“Visões do Sertão”*².

Com o avanço da fronteira agrícola, ligada sobretudo com o cultivo do café, que durante o Século XIX foi a grande atividade financeira no país, essas terras à oeste começaram a ser efetivamente ocupadas. Nessas zonas, surgiu uma intensa atividade rural marcada pelo entrecruzamento de culturas e povos. O surgimento da grande lavoura cafeeira na região proporcionou uma série de modernizações que auxiliaram no desenvolvimento da região. Sem dúvida, entre os fatores, encontra-se o processo de expansão ferroviária que possibilitou à essas zonas isoladas integrarem-se ao contexto global de circulação de mercadorias e pessoas. Ainda que com atraso, já no Século XX³, o capitalismo tardio abriu as portas da integração e da circulação aos territórios a oeste de São Paulo e, com isso, a introdução da vida moderna, da modernidade, nessas localidades.

O processo urbanizatório e as novas tecnologias da vida moderna, foram aos poucos, alterando significativamente a vida desse sujeito histórico que, até então, estava fora da economia de mercado. Aos poucos, o caipira, integrado ao contexto urbano ou, ainda que fixado na zona rural, as novas formas de trabalho no campo, foi se reconfigurando. Essa troca dialética alterou profundamente o modo de ser do caipira, mas também influenciou diretamente os centros urbanos desse território.

Nesse contexto de profundas transformações sociais, econômicas e culturais, o caipira, símbolo do passado arcaico, teve sua imagem retratada de forma caricaturizada e estigmatizada, como elemento de atraso, que não condizia com os ditames da vida moderna e urbana. Nesse sentido, também a produção pictórica sobre esse tipo humano,

² TAUNAY, A. de E. *Visões do Sertão*. São Paulo, Melhoramentos, s.d., p. 6

³ A linha da Estrada de Ferro Araraquara atingiu São José do Rio Preto no dia 9 de Junho de 1912. Por conta disso, a cidade passou a ser pólo, tanto de saída, no embarque de commodities, quanto de entrada, como centro de distribuição de mercadorias. Mas já anteriormente, Rio Preto era chamada de “boca do sertão”, por ser o último entreposto entre as terras já conhecidas e o sertão desconhecido a oeste.

historicamente, produziu e reproduziu essas características, desvalorizando suas potências e fortalecendo a construção de uma representação ideológica sobre o caipira, já que esse não detinha do acesso a arte e muito menos dos meios de produção cultural impossibilitando - o de exportar seu modo de vida.

Ligado ao mito agrário da terra-mãe, da qual ele se considera auxiliar na construção da natureza, esse tipo social, o caipira, igualmente aos outros tipos humanos rurais, insere-se dentro de uma conjunção maior de sabedoria. Suas marcas sociais estão espalhadas por uma série de representações e manifestações objetivas e subjetivas. Nas festas religiosas, nas formas de habitação, nos instrumentos de trabalho, entre outros. Há dois aspectos importantes nessa questão. O primeiro deles são os fragmentos de uma cultura folclórica do caipira que consumimos nos centros urbanos: a música, trajes e festas típicas, como as festas de São João, por exemplo. O segundo elemento são as reminiscências que perduram nos bairros rurais, ainda mantendo uma tradição rígida. É importante salientar que tanto um, quanto o outro, são fatores de identificação de um grupo mais ou menos homogêneo ainda presente neste território e que, a Exposição *Narrativas Visuais do Universo Caipira*, pretendeu registrar.

E, nessa nuance intelectual de compreensão da natureza, o tipo humano rural e a fotografia aproximam-se: o sol e a luz são condições de existência. Para o caipira é a condição de criação da vida, da plantação, do alimento; para a fotografia, a condição essencial para registrar a imagem. Assim, somando-se, essas características e marcas de uma cultura formadora de identidade, pouco valorizadas em seu registro imagético e social, são o objeto central do projeto. Sendo o projeto uma proposta de registro visual sobre um tipo humano e seu território, pretende, dessa forma, criar uma narrativa específica sobre o caipira e, assim, constituir uma visão histórica, social e cultural sobre este na contemporaneidade.

Em um contexto de produção digital desenfreada de imagens, o projeto procura constituir uma outra visão sobre a fotografia e sua

potência estética. Entendendo a importância da fotografia como registro etnográfico, pretendo contribuir com a história e retrato do povo caipira através da arte fotográfica. Utilizando dispositivos como a pinhole, processos de impressão manual por contato, dispositivos analógicos e filmes fotográficos em película, e também, fotografia digital, o projeto pretende compreender toda a história da fotografia e sua produção desde as primeiras tentativas técnicas de fixar a imagem, buscando também entender o contexto e a evolução dos materiais utilizados explorando procedimentos fotográficos já realizados ao redor do mundo. Além disso, o projeto pretende também ser um resgate de processos históricos da própria arte fotográfica.

4. OBJETIVOS

4.1 Geral

Realizar uma exposição fotográfica de forma virtual retratando o modo de vida, a paisagem, as manifestações culturais e as diversas nuances presentes na cultura rural do interior noroeste do estado de São Paulo, território tipicamente caipira. A exposição reúne dezenove imagens, que estão expostas em formato digital, em ambiente virtual. As imagens foram realizadas com diferentes técnicas e aparatos fotográficos, utilizei câmeras digitais e analógicas e também processos fotográficos artesanais.

O produto cultural em questão teve como objetivo o desenvolvimento de uma série fotográfica autoral sobre o universo caipira, além de resgatar obras que contam a história dessa cultura, produzi e reproduzi obras com a utilização de recursos artísticos e artesanais da fotografia. Para o registro das imagens foram utilizados processos e suportes fotográficos diversos, sendo eles:

- 1) Processos, suportes e equipamentos fotográficos artesanais;
- 2) Processos, suportes e equipamentos de fotografia analógica;

3) Processos, suportes e equipamentos fotográficos digitais e mobile;

1) Processos, suportes e equipamentos da fotografia artesanal: Pinhole - dispositivos fotográficos artesanalmente construídos, sem lente, que, com a utilização de papel fotográfico sensível à luz, faz a captura da imagem. A revelação dos fotogramas foi realizada pela artista em laboratório escuro; Solarigrafia - Técnica de longa exposição utilizando câmeras pinhole para capturar grau a grau da trilha solar; Goma Bicromatada - Técnica artesanal de revelação da imagem por contato. No processo foi utilizada uma matriz fotográfica (negativo em transparência), papel para aquarela com gramatura que resista a lavagem em água, pincel para emulsão fotossensível, chapas de vidro e garras para prensar o papel emulsionado com a transparência para exposição a luz UV. Antotipia - Técnica de impressão a luz solar que utiliza pigmentos naturais extraídos por maceração.

2) Processos suportes e equipamentos de fotografia analógica: Filmes negativos em 35mm Coloridos, câmera fotográfica analógica profissional CANON AE-1, revelação dos negativos por empresas especializadas.

3) Processos, suportes e equipamentos de fotografia digital: Câmera fotográfica digital CANON 60D, Celular Motorola g7 play e Motorola E20, digitalização, tratamento e pós-produção digital.

4.2 Específicos

- Traçar narrativas visuais sobre a temática caipira;
- Documentar em imagens o ambiente caipira, na cidade e no campo;
- Registrar os resquícios da paisagem no território;
- Retratar os aspectos da vida no campo, sua religiosidade, sua alimentação, e seu modo de viver;

- Trazer a tona imagens que contam sobre esse sujeito, o caipira do interior de São Paulo;
- Apresentar diferentes técnicas e aparatos fotográficos;

5. JUSTIFICATIVA

Segundo o dicionário, caipira, por definição, é aquele que vive na roça ou no campo e, ou, que tem modos e hábitos rudes devido a pouca instrução ou escasso convívio social. Parece demasiado simplista, por assim dizer, essa definição. O termo caipira, seria uma adaptação de "caapora", palavra de origem tupi que significa "morador do mato". O caipira é o cidadão residente nas zonas da Paulistânia, ligado ao campo e que possui uma identidade e cultura própria e singular.

No entanto, é um dos personagens do Brasil rural que, acima de tudo, auxiliou na construção do território, da cultura nacional e regional, das formas de sociabilidade presentes em nossas características, na constituição de formas únicas que abrangem desde a forma de habitar, até as formas de alimentação típicas do Brasil. É a imagem de um Brasil miscigenado, fruto dos conflitos e assimilações do europeu, dos indígenas e dos negros escravizados.

Meu interesse, sobretudo, é sobre esse tipo de homem do campo dos sertões da Paulistânia. E meu recorte territorial é a região de São José do Rio Preto, SP. A região conhecida hoje como São José do Rio Preto, até o início do século XX era conhecida como "sertão desconhecido", segundo Cavenaghi (2003). Era o último pólo de ligação das terras conhecidas e habitadas, com as terras desconhecidas a oeste. Conhecida também como "boca do sertão", a cidade de São José do Rio Preto, durante o Século XIX, cumpriu o seu papel de entreposto e, pouco verificou-se de emergência no local.

No entanto, a maioria das cidades brasileiras no início do século XX, passaram por inúmeras transformações que tinham por finalidade "regenerar" as cidades, ou seja, dar nova vida a antigas cidades coloniais

– como no caso do Rio de Janeiro e São Paulo – ou as cidades sertanejas – como foi o caso de São José do Rio Preto - SP. As tentativas de se planejar Rio Preto serviriam também para apagar a lembrança de uma herança sertaneja, vista por alguns como sendo “atrasada” e inculta e por outros como sendo “um tempo que não volta mais”. Assim sendo, Rio Preto tinha que passar por um processo de sanitização, higienização e embelezamento, mas não só das ruas, das calçadas, das praças, etc., mas também de seus cidadãos, pois somente assim, a civilização e o progresso, poderiam se instalar.

(...) Embora a sua existência date de cerca de oitenta annos, o que é facto, é que a sua evolução, data apenas desde 1912, data que assignala a entrada da locomotiva nessa cidade, e tambem, o início de uma phase de ouro completamente diversa da phase primitiva (...). (ID, IBID, p. 74-5)

Procurou-se, então, transformar a pequena vila do início do século XX em uma urbe moderna, para além de receber toda a gama de inovações produzidas pela Revolução Científico-Tecnológica, ser vista como um referencial de civilização para outras cidades iguais a ela. No caso da modernização das cidades brasileiras não se pretendia apenas legitimar um novo regime – o republicano –, mas transformar as cidades em referências de beleza, sanitização e higiene. Desse modo, a forma encontrada de convidar as pessoas a se maravilhar com o progresso e a modernidade, sem, claro, abrir espaço para a participação popular para a implementação da modernidade, foi a criação de símbolos. Desta forma, os símbolos da *Bélle Époque* riopretense foram o trem, o cinema e o automóvel.

Nesse contexto de intensas transformações e com a expansão da fronteira agrícola, a expulsão do homem rural para os centros urbanos e a modernização do campo, o caipira viu-se obrigado a adaptar-se às novas condições. Assalariado, tornou-se bóia-fria, servente de pedreiro, entre tantas outras atividades. Mudou a sua relação com a posse da terra, com

a lavoura de subsistência, com o isolamento do bairro rural, mas manteve a sua herança cultural em diversas festividades, na música, no modo de habitar, nas vestimentas.

Ainda hoje é possível observar nesses territórios esses recortes visuais, na paisagem e nos tipos humanos, as perseveranças da cultura caipira. É sobre essa contemporaneidade imagética da herança caipira que o projeto Narrativas Visuais do Universo Caipira pretende se debruçar.

6. ACESSIBILIDADE CULTURAL

A exposição está disponibilizada na internet, contando com a visitação virtual de acesso gratuito a todo público. O projeto contou ainda com recursos de acessibilidade. Temos legendas com texto alternativo de descrição de imagens dentro do site para apreciação das pessoas com deficiência visual conforme Lei 13.146/15.

7. DEMOCRATIZAÇÃO DE ACESSO

Por se tratar de um produto cultural virtual com acesso gratuito, realizado em site desenvolvido especificamente para o projeto, espero atingir uma parcela do público estimado, promovendo o acesso ao bem cultural em questão.

8. IMPACTO AMBIENTAL

Optamos pela exposição virtual a fim de reduzir os efeitos causados no meio ambiente. Como forma de divulgação, o projeto ainda conta com artes digitais da exposição publicadas nas redes sociais minimizando assim a impressão de encartes, flyers e outros.

9. CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

Para delimitar o campo metodológico de meu projeto, iniciei me debruçando sobre a temática das culturas tradicionais e sua correspondência nas culturas rurais brasileiras. O ponto de partida foi a compreensão dos conceitos de cultura e identidade. Utilizei, para isso, os escritos de HALL (2006) e WILLIAMS (1969). Acerca das culturas rústicas tradicionais, utilizei sobretudo CANDIDO (1982) e sua compreensão do universo caipira.

Para compreensão da espacialidade territorial do interior noroeste do estado de São Paulo me apoiei nos escritos de CAVENAGHI (2003; 2004). Esse estudo me permitiu uma compreensão mais acurada sobre as especificidades do processo de transformação do território de São José do Rio Preto e sua macrorregião. Além disso, por ter como objeto a fotografia e o registro fotográfico dessa localidade, os escritos de CAVENAGHI, também trouxeram a base para que eu possa me debruçar ainda mais sobre a fotografia enquanto documento de análise dos processos de urbanização e modernização do território.

De acordo com Stuart Hall (2006) existem basicamente três concepções distintas de identidade: do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A identidade do sujeito sociológico surge da complexidade do mundo moderno, a partir da consciência de que esse núcleo essencial do indivíduo não se sustentava por si só, ou seja, era forjado a partir das relações sociais que esse estabelecia com as outras pessoas. Nessa perspectiva:

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2005, p. 11)

Nesse sentido, é possível apontarmos o entendimento de que o indivíduo acaba por projetar a si próprio nas diferentes identidades culturais, ao mesmo tempo que internaliza seus valores e significados, tornando-se assim parte do próprio sujeito. Dessa forma, há de se perceber que tal relação contribui para “alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2005, p. 12), oferecendo-nos a possibilidade de entendimento de que a identidade do sujeito se liga à estrutura social, em um processo que proporciona a estabilização dos mundos culturais e dos indivíduos, tornando-os cada vez mais unificados e predizíveis.

Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. [...] A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado, e, no entanto, ela se constrói e reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a princípio, o lento aprendizado das formas, dos propósitos e significados, de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação. Em segundo lugar, mas de igual importância, está a comprovação destes na experiência, a construção de novas observações, de comparações e de novos significados. (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p. 52)

Logo, podemos definir que a cultura é um sistema de significação individual e coletivo, frutos da experiência e convivência partilhadas. Exemplos disso são a língua, a religião, o trabalho e as formas de trabalho, a sociabilidade, as diferentes formas de troca, os modos de vida, as artes, etc (GONZAGA, s/d).

Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus membros são treinados; e as novas observações e os novos significados, que são apresentados e testados. Estes são os processos ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos por meio deles a natureza de uma cultura: que é sempre tanto tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p. 53)

Desse modo, a cultura pode ser compreendida como uma herança, uma tradição, experiência partilhada. No entanto, não podemos entender essas características como estáticas. São antes de tudo, maleáveis e passíveis de transformação. Assim,

Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida — os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado — os processos especiais de descoberta e esforço criativo (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p. 53)

A cultura então,

É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivo de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. (WILLIAMS, 1979, p. 113)

E nesse conjunto de práticas, designadas como cultura, podemos notar as formas de vida e de viver de determinados grupos e indivíduos. E, nas culturas rústicas, na cultura popular, mormente marcadas pelo alto grau de compartilhamento de significados comuns,

O alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha, o porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir de consolar (BOSI, 1992 apud GONZAGA, s/d, p. 3)

É o caso do caipira, habitante típico da região de influência dos vicentinos durante a expansão territorial brasileira, a chamada Paulistânia.

Da expansão geográfica dos paulistas nos séculos XVI, XVII e XVIII, resultou não apenas incorporação de território às terras da coroa portuguesa na América, mas a definição de certos tipos de

cultura e vida social, condicionados em grande parte por aquele grande fenômeno de mobilidade. [...] em certas porções do grande território devassado pelas bandeiras e entradas - já denominado significativamente Paulistânia - as características iniciais do vicentino se desdobraram numa variedade subcultural do tronco português, que se pode chamar de 'cultura caipira' " (CANDIDO, 1982, p. 35)

Esse sujeito histórico, segundo Candido;

Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade (CANDIDO, 1982, p. 82)

Ou seja, "O Caipira típico foi o que formou essa vasta camada inferior de cultivadores fechados em sua vida cultural" (CANDIDO, 1982, p. 81). Nas condições objetivas de adaptabilidade ao meio natural, enfrentando as adversidades do território para construir a própria subsistência, o caipira cobriu-se de uma cultura e sociabilidades baseadas no mínimo vital, atendendo apenas às suas exigências mais imediatas, contando com isso, da unidade territorial primordial, o bairro, essa unidade dispersa e culturalmente fechada, baseada no pertencimento e na solidariedade.

A presença do escravo, depois do colono estrangeiro, levou a uma recomposição na organização dos bairros, onde os mais ricos abandonaram o sistema de cooperação vicinal, marcando assim a diferença crescente entre sítio e fazenda. Ao mesmo tempo, o latifúndio se formava à consulta de proprietários menores, por compra ou espoliação - está sempre fácil numa sociedade em que a expansão econômica passou a exigir os requisitos legais para configurar os direitos de propriedade (CANDIDO, 1982, P. 80).

Quase sempre sobre posse irregular, o caipira foi aos poucos, com a recomposição das forças produtivas, sobretudo nas regiões na rota da expansão da lavoura agroexportadora de café, transformando substancialmente a posse da terra e as formas de trabalho.

Esse caçador subnutrido, senhor do seu destino graças à independência precária da miséria, refugou o enquadramento do

salário do patrão, como eles lhe foram apresentados, em moldes traçados para o trabalho servil (...). Expulso da sua posse, nunca legalizada; despojado da sua propriedade, cujos títulos não existiam, por grileiros e capangas - persistia como agregado, ou buscava sertão novo, onde tudo recomeçaria. (CANDIDO, 1982, p. 82).

Ao mesmo tempo verifica-se um aumento das zonas urbanas. Expulso da terra e não adaptado ao trabalho assalariado das fazendas agroexportadoras.

Por volta de 1852, vilazinhas e lugarejos localizados na porção interiorana do país eram tomados por uma avalanche de transformações (...) O rei café trazia consigo a eletricidade, o automóvel e o telefone, os tecidos finos, o petit pavé, os bulevares, o calçamento das ruas e os palacetes, o aeroplano, o poudre de riz, o teatro e o cinematographo, entre outras novidades (DOIN, 2007, p. 95)

O caipira, então, ou cede ao nomadismo e a aventura, em busca de novos sertões, ou marginaliza-se nos centros urbanos, assumindo o trabalho de funções como servente de pedreiro, carroceiro, entre outros.

(...) o caipira não vive mais como antes em equilíbrio precário, segundo os recursos do meio imediato e de uma sociabilidade de grupos segregados; vive em franco desequilíbrio econômico, em face dos recursos que a técnica moderna possibilita. (...) O desenvolvimento da economia baseada na exportação dos gêneros tropicais acentuou a diferenciação dos níveis econômicos, que foram aos loucos gerando fortes distinções de classe e cultura. (CANDIDO, 1982, p. 223)

Novamente o caipira buscou em caráter nômade, herança do passado bandeirista, não mais uma agricultura itinerante, baseada nos gêneros primários e na coleta e caça, mas como uma fuga à sujeição econômica. Daí que, mesmo no contexto urbano, essas marcas culturais continuam. Seja nas representações folclóricas, seja nas nuances cotidianas. São formas de manutenção de uma ideia de defesa cultural de si próprio, ou como reafirmação de uma identidade.

10. FICHA TÉCNICA

Diretora Geral e Fotógrafa - Mona Luizon

Curadoria - Marcus Vinicius de Marchi Faria

Desenvolvimento de Site - Mililitros de Arte

11. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

dez. 2022	jan. 2023	fev. 2023	mar. 2023	abr. 2023	mai. 2023	jun. 2023
PRÉ-PRODUÇÃO						
		PRODUÇÃO				
				DIVULGAÇÃO		
					LANÇAMENTO	

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de pesquisa começou pelo meu interesse nos processos artesanais e históricos da Fotografia quando participei de uma Residência Artística no ano de 2015 e se consolidou em 2020 e nos anos seguintes, durante minha trajetória no curso. Vale dizer, que a minha turma, com ingresso no ano de 2020, enfrentou o início da pandemia e os três próximos anos que seguiram até aqui.

Além da adaptação ao novo mundo pandêmico, nos adaptamos também a uma nova vida, no meu caso, retornei para minha cidade de origem, São José do Rio Preto - SP, território base de onde desenvolvo esse projeto. Meu retorno me trouxe reflexões sobre a minha própria cultura, meu território e minhas origens. Aquilo que me faz diferente das demais pessoas. Escrever, produzir e apresentar esse projeto me trouxe à tona entendimentos sobre meu passado ancestral, histórico e cultural.

Através dessa pesquisa pude entender mais sobre o território onde nasci, em suas disputas sociais, econômicas e principalmente culturais.

Acredito que o Memorial Descritivo representa não apenas o encerramento de uma etapa de minha formação acadêmica, mas também o início de uma jornada contínua de aprimoramento e atuação na área das linguagens artísticas, cultura e educação. Estou consciente da responsabilidade que assumo ao compartilhar minhas reflexões e propostas, e tenho a convicção de que este trabalho poderá contribuir para a ampliação do conhecimento e aprimoramento das práticas pedagógicas nessa área.

13. REFERÊNCIAS

ARANTES, Lelé. **Dicionário Rio-pretense, a história de São José do Rio Preto de A a Z**. São José do Rio Preto: Casa do Livro, 2 ed. 2001.

BARTHES, R. **Mitologias**. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASILIANA FOTOGRÁFICA. **Para uma história social da reprodução fotomecânica**. Link disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?page_id=46. Acesso em 01 de janeiro de 2023.

CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 6^a Edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

CAVENAGHI, A. J. **Olhos Do Barão, Boca Do Sertão: Uma Pequena História Da Fotografia e da Cartografia no noroeste Do Território Paulista (Da Segunda Metade Do Século XIX Ao Início Do Século XX)**. São Paulo: Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 2004.

CAPRIO, A. **Memória Fotográfica de São José do Rio Preto - SP**. Link disponível em: <http://ihggsjrp.blogspot.com/p/historia-de-rio-preto.html>. Acesso em 19 de outubro de 2021.

DOIN, José Evaldo de Mello; NETO, Humberto Perinelli; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; PACANO, Fábio Augusto. **A Belle Époque Caipira: Problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930)** In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, no 53, p. 91-122, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP & A, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1989.

KOSSOY, Boris. **Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. 4. ed. rev. amp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

LIMA, E. A. **Rio Preto e a Belle Époque Caipira: Modernização e urbanização no início do século XX (1902-1929)**. Disponível em: <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20>

[Artigos/Eduardo%20Alves%20de%20Lima.pdf](#). Acesso em 12 de julho de 2020.

SANT'ANNA, R. S. **Quadros e livros: um artista caipira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. - (Coleção Studium)

SALAMON, C. **Técnicas de impressão de fotografias**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7635665/mod_resource/content/1/Impressos%20fotogr%C3%A1ficos_Cecilia%20Salamon.pdf. Acesso em: 04 de Fevereiro de 2022.

PINHEIRO, D. C. Silva. **Articulações entre a prática docente, o anthotype e a agricultura agroecológica**. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/368804209_Articulacoes_entre_a_pratica_docente_o_anthotype_e_a_agricultura_agroecologica. Acesso em 19 de novembro de 2022.

ACERVO

Fundação Biblioteca Nacional – BNDigital
https://www.researchgate.net/publication/368804209_Articulacoes_entre_a_pratica_docente_o_anthotype_e_a_agricultura_agroecologica

Instituto Hercule Florence <https://ihf19.org.br/pt-br/>

Museu de Arte Primitivista “José Antonio da Silva”
<https://www.riopreto.sp.gov.br/museu-arte-primitivista/#&gid=1&pid=37>

14. ANEXOS

Anexo 1 - Banner Digital



Anexo 2 - Convite Divulgação

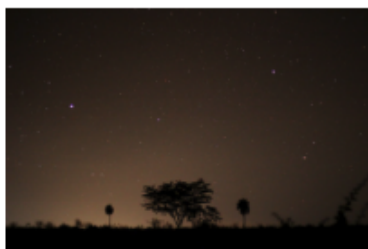
Exposição Fotográfica Virtual Narrativas Visuais do Universo Caipira

24 de mai 19:00 – 30 de jun 19:00

Exposição Fotográfica Virtual de Mona Lu



Confirme sua Presença



Compartilhe



visite a exposição →

Este email foi criado com Wix. [Saiba mais](#)